

### O Império dos idiotas

página 2



### Fundação Champalimaud



Pág. 12

### Reliance Protectron distribue SANS FRAIS des autocollants de sécurité « Halloween » !

Page 11



### A história do cavaquinho

Página 8



## La Colline assiégée

L'attentat de mercredi est le deuxième à cibler les services de sécurité canadiens en trois jours. Il n'y a aucune raison de croire qu'il sera le dernier.

par Paul Wells

On l'appelle la colline du Parlement, mais en réalité, c'est une grande pelouse en pente douce. Les adeptes de yoga s'y comptent par centaines durant les beaux après-midis d'été. Lorsque je visite d'autres capitales, surtout européennes, nos édifices parlementaires m'apparaissent par comparaison immenses et très exposés.

La sécurité a été renforcée au fil des ans. Après le 11 septembre 2001, il a fallu quelques semaines avant qu'un changement soit perceptible. Les agents de la GRC en civil se plaignaient que n'importe qui pouvait franchir les portes de l'entrée principale du parlement. Cette voie d'accès a par la suite été réservée aux seuls visiteurs enregistrés.

La porte ouest, qu'utilisent les députés pour se rendre à la Chambre des communes, a été interdite aux journalistes. Les touristes doivent faire la queue au sous-sol et se soumettre à un détecteur de métal. Une fois à l'intérieur, leurs mouvements sont fort restreints. De nombreuses zones du parlement sont réservées à ceux qui y travaillent. Les véhicules ne peuvent s'y rendre que par un seul point d'accès, à un coin de rue de là.

Mais qui pensait-on berner ainsi ? Un assaillant déterminé et lourdement armé n'avait besoin que de quelques secondes pour surgir de la rue Wellington et se rendre jusqu'à l'entrée principale. Il y a eu des précédents. En avril 1989, un autocar Greyhound avait été détourné et il avait fini sa course sur la pelouse devant le bâtiment. En 1996, une voiture avait embouti les portes de l'entrée principale. Et les événements de ce matin nous rappellent que la rue Wellington est aussi accessible que n'importe quelle autre rue du pays. Tout peut arriver.

Peu avant 10 h ce matin, je marchais dans cette rue en direction de la Colline, les écouteurs sur les oreilles. J'ai ressenti une agitation, sans comprendre ce qui se passait. Des passants, l'air angoissé, regardaient en direction du parlement.

J'ai entendu un cri derrière moi et me suis retourné. Un policier tout en noir, fusil à la main, courait droit sur moi et me criait de m'écarter de son chemin. Ce que j'ai fait avec empressement.

Plus tard, j'ai compris que cette scène s'était déroulée moins de cinq minutes après que Josh Wingrove, journaliste du Globe and Mail qui couvrait le caucus hebdomadaire des conservateurs dans le parlement, eut souligné par l'intermédiaire de Twitter avoir entendu des coups de feu dans l'édifice. Quatorze voitures de police étaient déjà sur la Colline. De nouvelles voitures arrivaient de toutes les directions, tout comme d'autres collègues journalistes. Nous avons entrepris d'interviewer des témoins, avant d'être interrompus par des policiers, puis des militaires, qui élargissaient le périmètre de sécurité d'un coin de rue toutes les 30 minutes.

Les dernières informations, que mes collègues s'occupent de recueillir au moment où j'écris ces lignes, expliqueront le reste. Voilà ce que je sais du contexte. À partir du 11 septembre 2001, peut-être avant, ceux qui travaillent à Ottawa ont compris que la colline du Parlement pouvait être une cible. En 2006, la police a désamorcé un plan de qualité douteuse qui visait à prendre d'assaut le parlement et, vraisemblablement, à décapiter le premier ministre. On entend parfois dire que la sécurité du PM a été renforcée, et certains collègues en profitent pour se moquer de Stephen Harper. Selon eux, si Harper a besoin d'augmenter le nombre de policiers qui l'entourent, c'est principalement pour une question d'orgueil. Je n'ai jamais prisé cette

remarque sarcastique. Nous ne savons pas ce qu'il sait.

L'attentat de mercredi est le deuxième à cibler les services de sécurité canadiens en trois jours. Il n'y a aucune raison de croire qu'il sera le dernier. Le plus étonnant est que ça ne soit pas arrivé auparavant. Pour une raison



que j'ignore, après le 11 septembre, les groupes extrémistes ont semblé vouloir reproduire un attentat du type World Trade Center, avec son nombre exorbitant de victimes. Les petites opérations spontanées, comme celles qui se sont déroulées à Saint-Jean-sur-Richelieu et au centre-ville d'Ottawa, ont toujours été une possibilité, qu'on commence maintenant à exploiter.

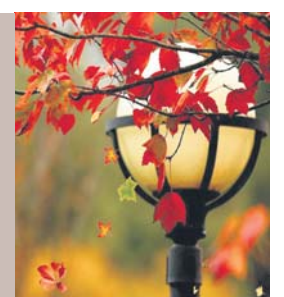
Les événements de mercredi ne signalent pas la fin d'une époque d'innocence pour le Canada. Ce serait insulter les Canadiens que de le suggérer. Tout au long de l'intervention militaire en Afghanistan, les officiers canadiens insistaient : le conflit devait se dérouler là-bas pour éviter qu'il ne se transporte ici. Mais un pays ne peut se transformer en prison. Comme sa capitale, le Canada est un vaste territoire ouvert. Personne ne peut savoir ce qui l'attend.

Paul Wells est chroniqueur politique au magazine Maclean's.



Équinoxe d'automne

Le 26 octobre reculez d'une heure vos montres et horloges



Visitez



Le Portugal



## Olho de falcão

Teve mais efeito que um eventual tremor de terra. Foi uma onda de choque de grande intensidade a que se viveu em Otava, com extravasão (incompreensível) em Québec e Montreal.

Digamos que de certo modo se pode compreender as apreensões ocasionadas pelos ataques frontais contra elementos das Forças Armadas canadianas, num assim curto espaço de tempo. Todavia, nada nos permite ligar os dois trágicos acontecimentos a não ser, a triste constatação de terem sido perpetrados por dois quebequenses. O que terá impulsionado os jovens ao vil assassinato? Frustração? Mal de viver?

Será trabalho de psiquiatra e psicólogo que certamente estão já a desenvolver conjecturas possíveis que, se nada vão resolver, poderão ter o dom do esclarecimento para que o comum dos mortais melhor possa melhor cercar o problema e compreendê-lo.

Sabe-se que há na sombra uma larga campanha de recrutamento djhihaista. Estão espalhados pelo mundo graças a uma imigração que se impõe e ganha terreno. Para o movimento radical islâmico é importante convencer os espíritos fracos em diferentes países, principalmente naqueles em que a democracia é mais fluorescente, a fim de estabelecer pequenas células que agirão independentemente ou em concerto com os seus delegados espalhados nas sociedades ocidentais.

Não podemos apontar o dedo às comunidades muçulmanas que vivem no nosso meio porém, não ficarão muitas dúvidas de que é no seu interior que circulam estas personagens com sede de mesquinhas vinganças ou simplesmente, que procuram a destruição das democracias ocidentais com forma de implantar o califado tão desejado. E em nome de Alá — que até foi capaz de nunca ter desejado a loucura da violência gratuita — cometem-se os crimes mais abjectos sem olhar às consequências que esses actos em nada justificam.

Stephen Harper tem toda a razão de crer que temos à porta uma guerra generalizada que as mentes esclarecidas e pousadas não desejam. Apenas os loucos, os fanáticos, tentam alastrar os seus diabolizantes sonhos de conquistar o mundo em nome de Alá. Para isso, sabem aproveitar as fraquezas das democracias ocidentais, normalmente mais empenhadas em diversões, em viagens e em tudo que as possa extirpar do dia-a-dia que para elas se vai tornando monótono... Vivendo em paz descuram a vigilância. A auto defesa. No entanto não devemos entrar em pânico. Somos bem capazes de fazer gorar todas as tentativas desses barbudos eriçados à condição, de não nos deixarmos levar por impulsões.

Creio que não deveremos alterar nenhum modo de vida, para que não se deia a impressão de franqueza. É esse o objectivo desta cáfila de doidos. Mesmo se os dois ataques parecem ter sido obras individuais, no prolongamento das frustrações dos seus autores que aproveitaram o momento que lhes pareceu mais propício para satisfazer os seus devaneios mentais, o certo é que os dirigentes e simpatizantes islamizados sobreviventes, receberam a notícia com manifestações de júbilo e, não me surpreenderá de que os dois assassinos sejam idolatrados e considerados mártires da boa causa...

Aquilo que se deve fazer na minha simples opinião, é de modo algum consolidar a ideia de que um pobre tresloucado agindo só, consegue fazer parar uma nação próspera e democrática. Por outro lado, o dever de alerta é essencial. Todo o movimento que possa poder ser considerado suspeito, como comportamentos agressivos e insustentáveis junto de cidadãos ou ainda qualquer tentativa de desmotivação de entes mais emocionalmente fragilizados, deverá ser anotada e comunicada aos serviços competentes. Mas atenção às imaginações desbordantes.

Nada nos garante que casos semelhantes não se possam repetir em locais diferentes e de forma ostentadora. Para os terroristas é demasiado importante a publicidade que os seus gestos criminosos tenham nos órgãos de comunicação social. É a máxima da politiquice que diz *“falem bem ou falem mal, mas falem de mim”*.

E de cada vez que um caso se repete e os testemunhos alimentam a avidez dos leitores, mais confluem as viseiras dos terroristas ao expandirem alarmismos por intermédio da imprensa, rádio e televisão locais.

De nada servirá escondermo-nos. A melhor defesa sempre foi o ataque. Vigilância é de rigor. E não esqueçamos as palavras do velho timoneiro e ditador chinês Mao Tsé Tung: *um terrorismo só se vence com outro terrorismo*. Se soubermos encurralar todos os activistas do movimento islâmico, veremos o Sol a espreguiçar-se no albergue...

Tenhamos calma e olho de falcão.

Raul Mesquita

## O Império dos Idiotas

Quando ontem cheguei ao Face dei de caras com um largo conjunto de posts, indignados uns, apoiantes outros, relativos à decisão da Câmara Municipal de Lisboa de não restaurar, no Jardim da Praça do Império, em Lisboa, os símbolos criados durante o Estado Novo e respeitantes às colónias.

Na linha da frente da oposição à recuperação desses símbolos encontra-se — de resto outra coisa não seria de esperar — o Vereador José Sá Fernandes. Segundo comunicado da CML publicado no seu site, o município não irá gastar dinheiro a recuperar símbolos do Estado Novo.

O comunicado só pode ter sido escrito por alguém com um qualquer atrofio mental.

Antes de mais, o património não tem ideologia.

Se os idiotas por trás desta decisão estão tão preocupados com o facto de serem símbolos do Estado Novo então, por uma questão de coerência, devem demolir toda a zona histórica de Lisboa porque, se formos a ver, foi toda construída quando existia, por exemplo e entre outras coisas, escravatura, religião de Estado e intolerância religiosa, gente a morrer de fome, execuções sumárias e pena de morte e, como durante o Estado Novo, Colónias.

Aliás, se Sá Fernandes e os idiotas que estão com ele tivessem uma réstia de cérebro a funcionar, teriam percebido que a zona se chama “Praça do Império” e foi criada — imagine-se — pelo Estado Novo.

Mais.

Se querem ser coerentes com o chorrilho de estupidez que largaram sobre isto, então tinham a obrigação de destruir o Padrão dos Descobrimentos, construído durante o Estado Novo, por alturas da Grande Exposição do Mundo Português, destruir a zona ribeirinha de Belém, construída durante o Estado Novo, para o mesmo evento, a zona de pequenas marinas da zona ribeirinha de Belém, construída durante o Estado Novo... e por aí fora...

A História não se recusa.

Nem pode.

A nossa história, doa a quem doer, é a história de um Império.

Fomos um Império desde o Século XV até ao Século XX.

Dominámos outros povos, escravizámo-los, explorámo-los.

Enriquecemos e empobrecemos.

Ajudámos e matámos.

É assim a história dos Impérios.

É assim a nossa história.

Quem tem vergonha da sua história tem, em última análise, vergonha de si.

E nós podemos — e devemos — ter vergonha da cambada que nos governa e de darmos demasiada atenção ao futebol, mas não devemos ter vergonha da nossa história.

Quando idiotas não querem recuperar símbolos históricos porque acham que isso os faz ficar bem na fotografia de uma minoria de outros idiotas, está mais ou menos tudo dito.

António Costa faria melhor se viesse pôr na ordem a Câmara de que ainda é presidente.

AD



ABC-portuscale. Crédits:

Auteurs identifiés; Aicep; Santé Canada; Histoire du Canada; Internet et quelques inconnus.

Compilation, coordination et montage: Raul Mesquita.

abc@portuscale.com



## Le PM souligne le 100e anniversaire du Royal 22e Régiment et de la garnison de Valcartier



Valcartier (Québec)

Le Premier ministre Stephen Harper a assisté mardi le 14 octobre à une célébration pour souligner le 100e anniversaire du Royal 22e Régiment et de la garnison de Valcartier. Le Premier ministre Harper est un membre honoraire du Régiment.

Le Royal 22e Régiment (R22eR), que l'on nomme couramment les « Van Doos », est le seul régiment d'infanterie entièrement francophone de la Force régulière. La garnison de Valcartier a été établie en 1914 près de la ville de Québec en tant que camp de rassemblement pour former le premier Corps expéditionnaire du Canada en vue de son rôle de combat dans la Première Guerre mondiale.

### Faits saillants

- Le R22eR a participé à tous les conflits et missions de paix ou d'aide humanitaire dans lesquels le Canada a été engagé. Le professionnalisme et le dévouement des militaires de ce régiment contribuent à l'excellence des Forces armées canadiennes.
- La garnison de Valcartier a formé des milliers de membres des Forces armées canadiennes qui se sont battus avec courage, distinction et honneur lors de la Première et de la Deuxième Guerres mondiales, en Corée et en Afghanistan.
- Ses membres ont aussi travaillé avec diligence pour maintenir la paix à Chypre, en Bosnie-Herzégovine et à Haïti.
- Les troupes attachées à la garnison de Valcartier ont fourni de l'aide aux sinistrés lors de la tempête de verglas qui a eu lieu en 1998 dans le sud du Québec et lors des inondations qui ont eu lieu en 2011 dans la vallée de la rivière Richelieu, au Québec.
- La base de Valcartier compte le 5e Groupe brigade mécanisé du Canada ainsi que plusieurs régiments, y compris le 5e Régiment d'artillerie légère du Canada, le 12e Régiment blindé du Canada, le 5e Régiment du génie de combat, les trois Bataillons du Royal 22e Régiment, et le 5e Bataillon des services.
- La base héberge aussi le 430e Escadron tactique d'hélicoptères, la 5e Ambulance de campagne, le 5e Peloton de police militaire, le Quartier général et escadron de transmissions et les locaux de Recherche et développement pour la Défense Canada.

### Citation

« Je suis honoré d'être à la garnison de Valcartier aujourd'hui pour célébrer le 100e anniversaire de ce bastion de fierté et d'honneur militaires. Cette remarquable institution historique a produit certains des meilleurs soldats du Canada, y compris les soldats du Royal 22e Régiment, qui est le seul régiment d'infanterie entièrement francophone au Canada. Je suis fier d'en être un membre honoraire. »

Le Premier ministre Stephen Harper



## Les soldats de Valcartier pourraient lutter contre l'EI

Les partis de l'opposition mettent en doute l'efficacité des frappes aériennes, comme celles qui ont eu lieu mercredi, en Syrie, dans les environs de Kobané. Ces frappes n'ont pas été suffisantes pour arrêter la progression des djihadistes dans cette région.

### Le groupe État islamique

«Après avoir fait d'importants gains en Syrie face aux troupes d'Assad, les djihadistes de l'EI ont pris l'Irak d'assaut s'emparant d'importants pans du pays, dont la deuxième ville, Mossoul. Une offensive visant à créer un État islamique en pays sunnite, à cheval sur l'Irak et la Syrie. »

Matthieu Boivin, Joël-Denis Bellavance (La Presse)  
Le Soleil

Le bureau du ministre de la Défense Bob Nicholson n'exclut pas la possibilité que des soldats provenant des bases militaires de Valcartier et de Bagotville se joignent aux troupes qui seront déployées au Moyen-Orient afin de lutter contre l'État islamique.

En entrevue avec Le Soleil, l'attachée de presse du ministre, Johanna Quinney, a expliqué que la composition finale des troupes qui participeront à cette mission n'est toujours pas connue. «Quand l'armée aura choisi l'identité des troupes qui seront de la mission, il pourrait y avoir des soldats provenant de bases de partout au Canada, a-t-elle affirmé. Certains pourraient provenir de Bagotville et même de Valcartier. Mais pour le moment, aucune décision finale n'a été prise en ce sens.»

Présentement, il n'est pas question que des chasseurs CF-18 basés à Bagotville se joignent à la coalition qui luttera contre l'État islamique, ajoute Mme Quinney.

La Chambre des communes a entériné mardi par un vote de 157 à 134 la participation du Canada aux frappes aériennes, la Maison-Blanche a exprimé sa satisfaction de voir son voisin du nord mettre six avions-chasse CF-18, deux avions de reconnaissance et un avion de ravitaillement au service de la coalition.

Le Canada enverra aussi 600 soldats et membres du personnel afin de mener à bien cette mission de combat d'une durée de six mois.

Aux Communes, hier, le premier ministre Stephen Harper a confirmé que les six avions de chasse CF-18 partiront de la base militaire de Cold Lake, en Alberta, tandis que les deux avions de surveillance seront réquisitionnés de la base de Greenwood, en Nouvelle-Écosse, et l'avion de ravitaillement partira de la base de Trenton, en Ontario. Il n'a pas voulu préciser dans quel pays de la région les troupes canadiennes seront stationnées pour la durée de la mission, mais certains médias ont affirmé qu'elles effectueront leur mission à partir du Koweït. Les avions de chasse pourraient effectuer leurs premières sorties d'ici trois semaines.

### Washington ravie

Alors que les partis de l'opposition continuent à mettre en doute la stratégie des frappes aériennes contre des cibles du groupe armé État islamique (EI), l'administration Obama salue la décision du Canada de se joindre à la coalition internationale assemblée pour anéantir cette organisation terroriste.



«Les États-Unis saluent la décision du gouvernement canadien de déployer des avions de chasse, des avions de surveillance et de ravitaillement pour participer à la campagne pour réduire et détruire l'EI en Irak. Nous sommes aussi reconnaissants du déploiement de troupes canadiennes en Irak pour conseiller et aider les troupes irakiennes ainsi que la poursuite de l'aide humanitaire», a affirmé Josh Earnest, porte-parole de la Maison-Blanche.

«Avec cette contribution, le Canada démontre encore une fois son leadership et sa détermination à s'attaquer aux défis urgents et sérieux en matière de sécurité qui menacent le Canada, sa population, et la sécurité internationale en général. Nous sommes donc reconnaissants de cette nouvelle contribution du Canada à la lutte au terrorisme», a ajouté le porte-parole.



# Lições do enólogo 3- 4 / 44

Olfato

Existem três níveis de aromas:

- Primário** é próprio da casta e dá um caráter frutado ao vinho
- Secundário** provém da fermentação alcoólica e dá um caráter vinoso
- Terciário** deve-se ao envelhecimento e ao contacto do vinho com o ar (em cascos) ou em vácuo (em garrafas)

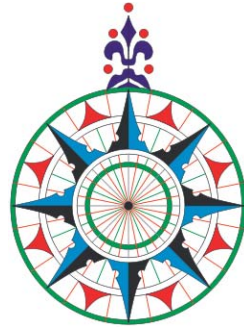
4

Olfato

As **moléculas aromáticas** entram na cavidade nasal



*Rosa dos Ventos*



*Rose des Vents*

## Bragança

Texte et Photos: Turismo de Portugal

À ne pas manquer

- faire des randonnées pédestres ou à VTT sur les sentiers balisés du parc naturel de Montesinho, ou de suivre le parcours en voiture, lui aussi signalé.
- visiter la région à l'occasion de la Foire aux produits fumés de Vinhais, qui se tient le deuxième week-end du mois de février.

Située à l'extrême nord-ouest du Portugal, Bragança est une ville ancienne dont le château conserve un noyau urbain médiéval dans l'enceinte de ses murailles.

En entrant dans la citadelle ou sur la place d'armes par la porte de la ville, vous trouvez aussitôt le pilori (Pelourinho) planté sur une sculpture représentant un sanglier lusitanien, qui rappelle les origines celtes de la région. Dans le gigantesque donjon qui, au Moyen Âge, servait à surveiller les frontières, le musée militaire raconte aussi l'histoire du château que Jean Ier fit construire sur les fondations de l'ancienne forteresse que le premier roi du Portugal, Alphonse Henriques, avait fait bâtir. Du dernier étage, vous pouvez admirer la vue sur la ville et sur l'immensité de l'horizon des montagnes qui l'entourent. La citadelle abrite aussi l'église Santa Maria et la construction Domus Municipalis, l'unique exemplaire d'architecture civile romane au Portugal, où se réunissait le sénat de la cité.

Hors des remparts, la ville s'étend vers l'ouest, conservant des maisons nobles et des monuments comme la cathédrale (Sé Catedral), l'église São Vicente, la chapelle de la Miséricorde ou l'église Santa Clara. L'ancien palais épiscopal abrite le musée Abade de Baçal qui possède un fonds d'une grande valeur, alors que le centre d'Art contemporain Graça Morais expose les œuvres de cette célèbre peintre contemporaine et d'autres collections d'arts plastiques.

Dans les alentours de Bragança se situent l'église de Castro de Avelãs qui, au Moyen Âge, accueillait les pèlerins de Saint-Jacques de Compostelle, et des villages anciens qui, encore aujourd'hui, maintiennent les traditions communautaires, comme celle du moulin à huile d'olive et du pressoir à vin ou du four à pain. Ils sont principalement situés à l'intérieur du parc naturel de Montesinho, une zone de nature protégée qui mérite vraiment une visite. Le village qui prête son nom au parc possède un centre d'interprétation, alors que d'autres vous offrent des musées ruraux sur les pratiques communautaires de la région. Guadramil et Rio de Onor sont deux des villages les mieux préservés. La frontière entre le Portugal et l'Espagne traverse celui de Rio de Onor, qui appartient donc à ces deux pays.

### Castelo de Bragança

Le Château de Bragança, l'un des plus représentatifs de l'architecture médiévale, a été construit en 1409 sur ordre de João Ier, sur les fondations du temple du premier roi du Portugal, Afonso Henriques.



Composé d'un imposant Donjon et d'une muraille double, l'ensemble est parfaitement conservé et la place d'armes, connue comme citadelle ou bourg, où se trouve l'Église de Sainte-Marie et le 'Domus Municipalis', préserve le vieux pâté de maisons médiévales aux rues étroites et aux petits maisons peintes à la chaux blanche. Dans le Donjon, de 33 m de haut, on citera quelques éléments artistiques gothiques, notamment les créneaux, les fenêtres et la pierre des armoiries de la Maison Royale d'Aviz, fondée par João Ier.

À l'intérieur se trouve le Musée Militaire. Il faut monter au dernier étage pour apprécier la vue sur la ville et sur le paysage environnant. Quinze tours et trois portes forment les murailles, parmi lesquelles la Tour de la Princesse, ancienne dépendance de la Maison des Alcades qui garde la légende d'une princesse faite prisonnière, et la Porte de la Ville qui accueille le visiteur au château.

### Domus Municipalis



Le 'Domus Municipalis' est un exemple unique dans le pays de l'architecture civile romane et l'ex-libris de Bragança. En forme de pentagone irrégulier, il est formé d'une citerne voûtée surmontant une galerie ample entourée de fenêtres, qui s'est identifié comme le lieu de réunion des gentilshommes de la commune. On a beaucoup débattu sa datation, sans aucunes certitudes, mais on considère que le XIIIe siècle serait la date probable de la construction de la partie supérieure, la citerne pouvant être antérieure.

Il est tout aussi singulier pour le matériau utilisé, la pierre, qui fut l'une des raisons de sa conservation jusqu'à nos jours. Ce type de structure civile était habituellement faite en bois puisque ni le pouvoir municipal ni l'État n'avaient les moyens de financer des travaux civils de cette envergure.

En termes décoratifs, on citera la sculpture remarquable des fresques utilisant l'imaginaire roman. L'intérieur, ample, est parcouru d'un banc le long des murs et la partie plus large est fendue de deux portes. Les fenêtres possèdent des encadrements plats, sauf sept, qui sont décorées d'une archivolte et d'ornements en forme d'étoile. La couverture, un toit de cinq pentes, fut ajoutée au XXe siècle lors d'une grande campagne de restauration.

### Sé Catedral de Bragança

La Sé Cathédrale fut construite au XVIe siècle sur initiative municipale et avec le soutien du duc Teodósio, en sachant que Pêro de la Faia et Fernão Pires furent ses maîtres d'œuvres. Elle se destinait initialement à être un Couvent de l'Ordre des Clarisses, mais fut occupé par la Compagnie de Jésus entre 1562 et 1759, fonctionnant comme Collège. En 1764, lorsque le siège de l'archevêché de Miranda fut transféré à Bragança, l'église devint Sé Cathédrale, époque où elle subit des travaux d'agrandissement.

On remarquera le portail Renaissance avec des éléments baroques sur la façade latérale nord. Au centre, on peut voir une niche avec une Vierge de Lait et l'Enfant. L'intérieur est assez décoré, notamment l'arc triomphal avec les armes de la ville, le maître-autel en bois sculpté doré du XVIIIe siècle et les retables latéraux, de la même époque.

La sacristie du XVIIe siècle vaut la peine d'être visitée. On y retrouve un chasublier de grande qualité orné de peintures à huile représentant des scènes de la vie de Saint-François d'Assis et de Saint Ignace. Au plafond peint est reproduit le thème de Saint Ignace. Le cloître de la Renaissance, sur deux étages, maintient sa structure originale



## BISCATES

por Carlos de Matos Gomes

Para que servem as primeiras páginas dos jornais e os grandes casos dos noticiários das TV?

Se pensarmos no que as primeiras páginas e as aberturas dos telejornais nos disseram enquanto decorriam as traficâncias que iriam dar origem aos casos do BPN, do BPP, dos submarinos, das PPP, dos SWAPs, da dívida, e agora do Espírito Santo, é fácil concluir que servem para nos tourear.



Desde 2008 que as primeiras páginas dos Correios das Manhas, os telejornais das Moura Guedes, os comentários dos Medinas Carreiras, dos Gomes Ferreiras, dos Camilos Lourenços, dos assessores do Presidente da República, dos assessores e boys dos gabinetes dos ministros, dos jornalistas de investigação, nos andam a falar de tudo e mais alguma coisa, excepto das grandes vigarices, aquelas que, de facto, colocam em causa o governo das nossas vidas, da nossa sociedade, os nossos empregos, os nossos salários, as nossas pensões, o futuro dos nossos filhos, dos nossos netos. Que me lembre falaram do caso Freeport, do caso do exame de inglês de Sócrates, da casa da mãe do Sócrates, do tio do Sócrates, do primo do Sócrates que foi treinar artes marciais para a China, enfim que o Sócrates se estava a abotoar com umas massas que davam para passar um ano em Paris, mas nem uma página sobre os Espírito Santo! É claro que é importante saber se um primeiro ministro é merecedor de confiança, mas também é, julgo, importante saber se os Donos Disto Tudo o são. E, quanto a estes, nem uma palavra. O máximo que sei é que alguns passam férias na Comporta a brincar aos pobrezinhos. Eu, que sei tudo do Freeport, não sei nada da Rioforte! E esta minha informação, num caso, e falta dela, noutro, não pode ser fruto do acaso. Os directores de informação são responsáveis pela decisão de saber uma e desconhecer outra.

6 Os jornais, os jornalistas, andaram a tourear o público que compra jornais e que vê telejornais.

Em vez de directores de informação e jornalistas, temos novilheiros, bandarilheiros, apoderados, moços de estoques, em vez de notícias temos chicuelinas.

Não tenho nenhuma confiança no espírito de auto crítica dos jornalistas que dirigem e condicionam o meu acesso à informação: todos eles aparecerão com uma cara à José Alberto de Carvalho, à Rodrigues dos Santos, à Guedes de Carvalho, à Judite de Sousa (entre tantos outros) a dar as mesmas notícias sobre os gravíssimos casos da sucata, dos apelos ao consenso do venerando chefe de Estado, do desempenho das exportações, dos engarrafamentos do IC 19, das notas a matemática, do roubo das máquinas multibanco, da vinda de um rebenta canelas uzebeque para o ataque do Paiolense de Cima, dos enjoos de uma apresentadeira de TV, das tiradas filosóficas da Teresa Guilherme. Todos continuarão a acenar-me com um pano diante dos olhos para eu não ver o que se passa onde se decide tudo o que me diz respeito.

Tenho a máxima confiança no profissionalismo dos directores de informação, que eles continuarão a fazer o que melhor sabem: tourear-nos. Abanar-nos diante dos olhos uma falsa ameaça para nos fazerem investir contra ela enquanto alguém nos espeta umas farpas no cachaço e os empresários arrecadam o dinheiro do respeitável público.

Não temos comunicação social: temos quadrilhas de toureiros, uns a pé, outros a cavalo.

Uma primeira página de um jornal é, hoje em dia e após o silêncio sobre os Espírito Santo, um passe de peito.

Uma segunda página será uma sorte de bandarilhas.

Um editor é um embolador, um tipo que enfia umas peúgas de couro nos cornos do touro para a marrada não doer.

Um director de informação é um "inteligente" que dirige uma corrida.

Todos não somos demais  
para continuar Portugal

Quando uma estação de televisão convida um Camilo Lourenço, um Proença de Carvalho, um Gomes Ferreira, um João Duque, um Judice, um Marcelo, um Miguel Sousa Tavares, um Angelo Correia, devia anunciá-los como um grupo de forçados: Os Amadores do Espírito Santo, por exemplo. Eles pegam-nos sempre e imobilizam-nos. Caem-nos literalmente em cima.

As primeiras páginas do Correio da Manhã podiam começar por uma introdução diária: Para não falarmos de toiros mansos, os nossos queridos espectadores, nem de toureiros manhosos, os nossos queridos comentadores, temos as habituais notícias de José Sócrates, do memorando da troika, da imperiosa necessidade de pagar as nossas dívidas.

Todos os programas de comentário político nas TV deviam começar com a música de um passo doble. Ou com a premonitória "Tourada" do Ary dos Santos, cantada pelo Fernando Tordo.

O silêncio que os "negócios" da família «Dona Disto Tudo» mereceu da comunicação social, tão exigente noutros casos, é um atestado de cumplicidade: uns, os jornalistas venderam-se, outros queriam ser como os Espírito Santo. Em qualquer caso, as redacções dos jornais e das TV estão cheias de Espiritos Santos. Em termos tauromáticos, na melhor das hipóteses não temos jornalistas, mas moços de estoques. Na pior, temos as redacções cheias de vacas a que se chamam na gíria as "chocas".

O que o silêncio cúmplice, deliberadamente cúmplice, feito sobre o caso Espírito Santo, o que a técnica do desvio de atenções, já usada por Goebels, o ministro da propaganda de Hitler, revelam é que temos uma comunicação social avacalhada, que não merece nenhuma confiança.

Quando um jornal, uma TV deu uma notícia na primeira página sobre Sócrates( e falo dele porque a comunicação social montou sobre ele um operação de barragem pelo fogo, que na altura justificou com o direito a sabermos o que se passava com quem nos governava e se esqueceu de nos informar sobre quem se governava) ficamos agora a saber que esteve a fazer como o toureiro, a abanar-nos um trapo diante dos olhos para nos enganar com ele e a esconder as suas verdadeiras intenções: dar-nos uma estocada fatal!

Porque será que comentadores e seus patrões, tão lesto a opinar sobre pensões de reforma, TSU, competitividade, despedimentos, aumentos de impostos, gente tão distinta como Miguel Júdice, Proença de Carvalho, Angelo Correia, Soares dos Santos, Ulrich, Maria João Avilez e esposo Vanzeller, não aparecem agora a dar a cara pelos amigos Espírito Santo?

Porque será que os jornais e as televisões não os chamam, agora que acabou o campeonato da bola?

Um grande Olé aos que estão agachados nas trincheiras, atrás dos burladeros!

### Notas sobre Carlos de Matos Gomes

Nascido em 24/07/1946, em V. N. da Barquinha. Coronel do Exército (reforma). Cumpriu três comissões na guerra colonial em Angola, Moçambique e Guiné, nas tropas especiais «comandos».

#### «Aguenta-te ... Portugal»

«A informação que temos não é a que desejamos. A informação que desejamos não é a que precisamos. A informação que precisamos não está disponível» John Peers

«Às vezes, a única coisa verdadeira num jornal é a data» Luís F. Veríssimo.

Continuarei a escrever na **língua portuguesa**.  
**Recuso** o acordo ortográfico!



## Régimes de retraite : des syndicats isolés

C'est vrai qu'ils n'ont rien volé, comme l'affirme leurs publicités. Sauf qu'ils ont souvent arraché leurs gains par la force, l'intimidation et le chantage auprès d'élus, hélas dépourvus d'épine dorsale.

Brian Myles

Photo: Ryan Remiorz/La Presse Canadienne

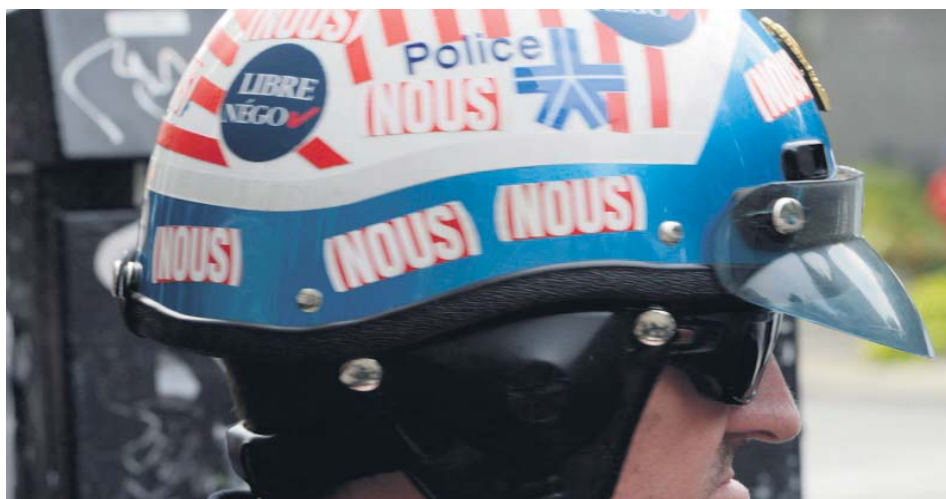
Le congédiement de six pompiers pour le grabuge à l'hôtel de ville est une « mesure brutale » et « hors de proportions » qui laissera « des traces indélébiles et des cicatrices profondes » dans les relations de travail entre la Ville de Montréal et ses pompiers.

Le président de l'Association des pompiers, Ronald Martin, ne mâchait pas ses mots pour dénoncer les sanctions imposées par l'administration Coderre aux fauteurs de troubles qui ont vandalisé l'hôtel de ville et menacé les élus, le 18 août dernier, dans un geste de protestation contre le projet de loi 3 sur la réforme des régimes de retraite municipaux. Un autre qui n'a rien compris.

La tactique de M. Martin et autres leaders syndicaux a mené à ces six congédiements et à la suspension de 57 employés (46 pompiers, sept cols bleus, quatre cols blancs) pour des périodes allant d'une semaine à six mois. Ils ont conduit leurs membres à l'abattoir, sans même prendre la pleine mesure de leur bêtise.

Depuis le début de ce conflit, les syndicats d'employés municipaux s'enferment dans leurs tactiques perturbatrices (version diète) inspirées des glorieuses décennies 1960 et 1970, alors que les syndiqués faisaient la pluie et le beau temps avec l'approbation tacite de la population. À l'époque, l'appui du public au mouvement syndical a permis aux employés municipaux d'arracher des conditions de travail hors normes même pour la fonction publique. Les employés municipaux gagnent en moyenne 38 % de plus que leurs homologues provinciaux.

C'est vrai qu'ils n'ont rien volé, comme l'affirme leurs publicités, placardées sur



tout ce que la ville compte de « matériel roulant ».

Sauf qu'ils ont souvent arraché leurs gains par la force, l'intimidation et le chantage auprès d'élus, hélas dépourvus d'épine dorsale.

C'était facile d'acheter la paix quand les villes arrivaient à boucler leurs budgets sans trop de difficultés. Un maire serait bien mal avisé de céder aux demandes syndicales maintenant que les contribuables plient sous le poids des taxes, pour des services qui ne vont pas nécessairement en s'améliorant.

Le maire Denis Coderre, et son acolyte de Québec sont parfaitement en phase avec l'ère du temps lorsqu'ils font la vie dure aux syndicats. La population en a ras-le-bol de leurs menaces et de leurs moyens de pression qui pénalisent la population. C'est précisément le but d'un moyen de pression, me diront les leaders syndicaux: perturber la prestation de services, prendre la population en otage, faire plier la Ville.

La recette est connue. Et le gâteau ne lève pas. Avant même le début de ce conflit, les syndicats ont perdu la plus importante bataille: celle de l'opinion publique. Ils n'arrivent pas à convaincre la population du bienfondé de leur cause, une tâche d'autant plus difficile à accomplir que la moitié des travailleurs Québécois ne bénéficient d'aucun régime de retraite.

L'escalade des moyens de pression mènera les syndicats au bord du précipice.

À propos de Brian Myles

Brian Myles est journaliste au quotidien Le Devoir, où il traite des affaires policières, municipales et judiciaires. Il est présentement affecté à la couverture de la commission Charbonneau. Blogueur à L'actualité depuis 2012, il est également chargé de cours à l'École des médias de l'Université du Québec à Montréal (UQAM). On peut le suivre sur Twitter : @brianmyles

## Remariages à Venise pour «La Civiltà Cattolica»

Pour appuyer les thèses du cardinal Kasper, la revue publiée avec l'imprimatur papal redécouvre une concession qui avait été faite par le concile de Trente aux catholiques des îles grecques qui étaient alors sous la domination de Venise, dont certains se remariaient selon le rite orthodoxe

par Sandro Magister

«La Civiltà Cattolica» a attendu la veille du synode pour mettre fin au silence qu'elle avait gardé jusqu'à maintenant à propos de la question qui suscite le plus de controverses : peut-on ou non admettre un remariage après un mariage qui a échoué ?

Et elle est entrée en lice en faisant totalement sien, dans un article, le point de vue des novateurs, au premier rang desquels figure le cardinal Walter Kasper, qui est cité dès les premières lignes en tant que point de référence.

«La Civiltà Cattolica» n'est pas une revue quelconque. Elle est rédigée exclusivement par des jésuites et ses épreuves sont, avant publication, passées au peigne fin par les autorités vaticanes. Le pape François et le directeur actuel de la revue, le père Antonio Spadaro – qui est désormais devenu le principal intervieweur et interprète du pape – entretiennent des liens très étroits.

Pour inciter le synode à une « ouverture » en faveur des remariages, «La Civiltà Cattolica» a opéré par surprise. Elle a dépoussiéré le concile de Trente. C'est-à-dire précisément le concile qui a affirmé plus catégoriquement que tout autre l'unicité et l'indissolubilité du lien matrimonial.

Toutefois – rappelle «La Civiltà Cattolica» – ce même concile s'est abstenu de condamner formellement les remariages qui étaient en usage dans les Églises orientales, non seulement entre les fidèles de rite orthodoxe, mais également – dans certaines régions où les deux confessions coexistaient – entre les catholiques qui étaient en union avec Rome.

Ce qui avait conduit les pères du concile de Trente à ce geste que la revue qualifie d'« œcuménisme » avant la lettre, c'est le cas des catholiques qui vivaient dans les îles grecques appartenant alors à la République de Venise et qui utilisaient, avec l'autorisation de leurs évêques latins, les églises et les cérémonies orthodoxes. Les ambassadeurs vénitiens s'adressèrent au concile et lui demandèrent de permettre à ces catholiques de conserver leurs « rites », y compris la possibilité de contracter un second mariage en cas d'adultère du conjoint.

Après une discussion animée, les pères conciliaires répondirent favorablement à cette demande, par 97 voix contre 80, et ils reformulèrent le canon qui réaffirmait l'indissolubilité du mariage tout en évitant toute condamnation directe de la pratique orientale des remariages.

L'auteur de cet article, le père Giancarlo Pani, est professeur d'histoire du christianisme à l'université «La Sapienza» de Rome. Il a reconstitué le débat qui a eu lieu au cours du concile de Trente, en donnant un grand nombre de détails et en mentionnant tous les renvois à des passages de l'Évangile ou à des œuvres des Pères de l'Église faits par les évêques et les cardinaux qui intervinrent pendant le concile.

Toutefois lorsqu'il en vient à décrire lui-même ce qui se pratiquait dans l'Église des premiers siècles avant qu'elle ne se divise, le père Pani s'en remet en bloc à la reconstitution qui en a été effectuée par Giovanni Cereti dans son ouvrage paru en 1977, «Divorzio, nuove nozze e penitenza nella Chiesa primitiva [Divorce, remariage et pénitence dans l'Église primitive]». Cette reconstitution a également été la principale source de référence, si ce n'est la seule, qu'ait utilisée le cardinal Kasper pour le discours qu'il a prononcé lors du consistoire du mois de février 2014, en ne tenant absolument pas compte des études ultérieures, dues à d'illustres patrologues tels qu'Henri Crouzel et Gilles Pelland, eux aussi jésuites, qui l'ont littéralement réduite à néant.

La thèse qui transparaît dans cet article de «La Civiltà Cattolica» est qu'un geste de « miséricorde évangélique » avait été accompli à Trente et que le synode qui va s'ouvrir prochainement devrait reprendre et renforcer ce geste, pour le plus grand bien de « ces chrétiens qui vivent de manière douloureuse l'échec de leur relation conjugale ».

En réalité il n'y a eu à Trente aucun commencement d'« ouverture » en faveur des remariages. On a simplement décidé de ne pas entrer en conflit direct avec les Églises orthodoxes sur ce point, avec une prudence déjà manifestée au cours des siècles qui avaient précédé le concile et également conservée après lui.

Un cas exceptionnel comme celui des îles grecques appartenant à la République de Venise a disparu lorsqu'elle les a perdues au profit de l'empire ottoman. Et ce cas ne s'est pas même présenté à nouveau pour les communautés qui sont passées par la suite de l'orthodoxie à l'union avec l'Église de Rome, puisqu'on leur demandait préalablement une confession de foi dans laquelle était expressément mentionnée l'impossibilité d'un remariage.



## Construir cavaquinhos é uma nobre arte. Pois agora vamos conhecer os artistas

Nuno Pacheco

É um trabalho de fôlego que está agora a começar e resulta de um protocolo entre DGPC e a Associação Cultural e Museu Cavaquinho: inventariar os construtores no património imaterial português.



O construtor Domingos Machado com Júlio Pereira em Braga APMC

8 Durou nove meses, como para um parto. Em Janeiro, a Associação Cultural e Museu Cavaquinho mostrou-se ao mundo, numa sessão no CCB. Júlio Pereira, músico e seu presidente, apresentou, junto com o seu novo disco, Cavaquinho.pt, também integrado neste esforço de salvaguarda do património, um site que era já resultado de meses de trabalho intensivo. Agora, em Outubro, concretiza-se enfim um dos objectivos primordiais da sua criação: o levantamento sistemático dos construtores tradicionais, das suas práticas e da sua sabedoria.

Domingos Machado, Alfredo Machado e José Gonçalves são os primeiros da lista. Agora, são entrevistados pela antropóloga Teresa Albino. Depois, segue-se um levantamento fotográfico (já em curso) e documental com vista a produzir um livro que mostre a sua realidade – “quem são, donde são e o que criam”.

Isto é apenas uma parte do trabalho da associação, que mantém e desenvolve um site bilingue, em português e inglês ([www.cavaquinhos.pt](http://www.cavaquinhos.pt)), aberto à vasta comunidade de praticantes e seguidores que ele tem no mundo, uns 200 milhões. “Espero”, diz Júlio Pereira “que, a par com o afecto que a associação tem recebido pelo país fora, consigamos os apoios necessários das instituições governamentais ligadas à cultura para conseguirmos com êxito uma tão grande empreitada. Sobretudo numa Europa em crise em que cada nação deve afirmar a sua identidade, tornando-se imperiosa a consciência de que é através da cultura que a nossa alma se descobre.”

E esse apoio tem vindo, de algum modo a concretizar-se. Em Junho foi assinado um protocolo com a Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC), com as assinaturas (e presenças) de Nuno Vassallo e Silva, director da DGPC, e Júlio Pereira, Presidente da associação. Isto sob o olhar atento do secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier. Objectivos? Uma colaboração institucional “com vista à inscrição dos saberes e técnicas dos construtores tradicionais” no inventário do património imaterial. No site da DGPC chegou-se a ligar, numa notícia institucional, esse passo a uma eventual candidatura da prática do cavaquinho a património imaterial da UNESCO.

Paulo Costa, da DGPC, responsável (com Teresa Albino) por este projecto de investigação explica: “Uma eventual candidatura à UNESCO deve ser previamente objecto de uma inscrição no inventário nacional do património imaterial de expressões culturais relativas à prática do cavaquinho. Ora essa prática, em Portugal, envolve uma série de aspectos que têm a ver com os grupos, os intérpretes, que usam o cavaquinho nas suas composições em diversíssimos géneros musicais. Mas tendo em conta a disseminação desse instrumento por outros países (Cabo Verde, Brasil, Indonésia, Estados Unidos, particularmente no Hawai onde deu origem ao ukulele), entendeu-se que seria prioritário conhecer quem são os construtores tradicionais do cavaquinho, os que já aprenderam com os pais, avós, ou em contexto oficial, mas que no

fundo trazem essa tradição da construção da excelência deste instrumento.” Daí, quis-se “avançar para um trabalho de identificação sistemática de saber quem são estes construtores, de definir uma metodologia de pesquisa dos traços de trabalho que lhe são comuns mas também aquilo que os individualiza.”

Para Júlio Pereira, a parceria com a DGPC “é mais um importante passo a juntar às necessárias para levarmos este projecto nacional a bom porto. Nestas parcerias estão incluídas as câmaras municipais das cidades transversais à prática do cavaquinho (já assinámos protocolos com as câmaras de Braga e de Lisboa) e também a nível do levantamento nacional de músicos, grupos de cavaquinhos e locais de ensino que a associação está a fazer.”

Neste último campo, o do ensino, há já passos concretos. “A associação tem vindo a ter reuniões, no continente, com estabelecimentos de ensino de música com vista ao desenho do que será o primeiro curso para uma aprendizagem académica do cavaquinho, tendo já assinado o primeiro protocolo com a ESMAE - Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto. Há já uma parceria firmada com o Conservatório de Música de Coimbra, à qual queremos juntar os Conservatórios de Braga, de Lisboa e do Funchal, cidade onde é de louvar que o braguinha [nome que na ilha da Madeira é atribuído ao tetracórdio da família do cavaquinho] já seja estudado desde o início deste ano no Conservatório.”

### Um horizonte enorme

Rui Vieira Nery, musicólogo, que em Janeiro esteve na apresentação do site e também do disco, diz agora: “A ideia de que há um processo cultural associado a este instrumento que partiu daqui, acho que merece atenção da parte das instituições portuguesas e é isso que a associação está a tentar fazer com uma série de iniciativas: exposições, concertos... Que, em princípio, poderiam levar a um segundo momento, de uma instituição que pudesse ter uma colecção própria, com exemplos dos instrumentos de toda esta diáspora, com uma escola de construção (visto que alguns construtores tradicionais estão a desaparecer), preservação da memória, da documentação e com contactos com a rede de instituições e de praticantes deste instrumento por todo o lado.”

Quanto a uma eventual candidatura à UNESCO, ele, que esteve ligado à candidatura (vencedora) do fado, tem uma posição cautelosa e mais reservada. Há muito para fazer, ainda, antes disso.

Júlio Pereira recorda, a propósito, um episódio recente: “Retive um pormenor do discurso de Carlos do Carmo na homenagem que a Câmara de Lisboa lhe prestou: quando começaram a trabalhar o universo do Fado (não sei precisar quando mas imagino há cerca de uma década) ‘havia apenas um único livro sobre fado!’. Hoje, todos nos damos conta do trabalho notável que foi feito em dez anos! Uma candidatura de sucesso, cada vez mais e melhores fadistas e guitarristas (estes, com trabalho regular) e sobretudo, um país prestigiado no mundo. E, não esqueçamos, a mais-valia económica para o nosso país através da componente turística.”

A prática do cavaquinho, sendo internacional e pluricontinental, tem, na opinião de Júlio Pereira, pontos de comparação com o fado. “Há vários pontos onde os universos do fado e do cavaquinho se cruzam. Na transportabilidade (a voz humana no fado, as dimensões reduzidas do cavaquinho), na expansão marítima, na maneira própria de nos exprimirmos e nas nossas relações com o outro. Isto para além de uma evidente complementaridade entre estes dois mundos: um mais intimista, interior, outro mais alegre e festivo. E este equilíbrio, eu diria diferença, dá-nos uma ideia mais completa do que nós, portugueses, somos.” UNESCO, no futuro? Para já, o futuro é aqui.

Um exemplo: ainda há poucos dias o Museum of Fine Arts, de Boston, através do seu curador de Instrumentos Musicais Darcy Kuronen, mostrou-se totalmente disponível para ceder à AC Museu Cavaquinho os moldes e toda a documentação referentes a um dos instrumentos da sua colecção permanente: um Cavaquinho de Lisboa do século XIX (1850-1900) construído por Jerónimo José dos Santos para que a Associação possa mandar construir uma réplica. “Como prova de gratidão, vamos oferecer um cavaquinho actual ao Museum of Fine Arts, Boston.”





## Gastronomia em «movimento»...

**Cultura** - Maria de Lourdes Modesto alerta para a hipótese de se perder a identidade gastronómica

A gastrónoma Maria de Lourdes Modesto, de 84 anos, realçou o facto de hoje...

**Aljezur** - Em Novembro celebra-se a batata-doce

O Festival da Batata-doce de Aljezur decorre entre 28 e 30 de Novembro. Uma...

**São Brás de Alportel** - Associação quer lançar ementas mediterrânicas a sul

A Associação das Terras e das Gentes da Dieta Mediterrânica, de São Brás de...

**Estremoz** - Gastronomia alentejana em destaque na «Cozinha dos Ganhões»

A «Cozinha dos Ganhões», o maior certame gastronómico do Alentejo, decorre...

**Valença** - Freguesia de Cerdal promove desfolhada e mostra gastronómica

Uma desfolhada, uma mostra gastronómica, com arroz de sarrabulho, rojões e...

**Lisboa** - Azeites e vinhos do Alentejo em destaque no Centro Cultural de Belém

Seminários, provas e mostra de produtos compõem o «Arte de Viver - Azeites e...

**Santarém - Festival Nacional de Gastronomia promete mais tasquinhas e muita conversa**

A partir de 17 de Outubro, Santarém serve uma vez mais a cozinha nacional, faz mostra e prova dos vinhos lusos e apresenta os produtos regionais. Trata-se do 34.º Festival Nacional de Gastronomia, iniciativa que encerra a 2 de Novembro e que, para além da mesa portuguesa, promete levar à Casa do Campino o debate em torno do fenómeno alimentar.

A conferência «Abril à Mesa» no âmbito dos 40 anos da Revolução de 1974, abre o primeiro dia deste Festival Nacional de Gastronomia. Um encontro que abordará a alimentação na década de 1970. Até 2 de Novembro, o festival será palco para outros temas em formato «*conversas informais*». Destaque para as «*Conversas (Im) Provadas*» e «*Artes na Arte*».

Ainda no seu primeiro dia, o festival contará com uma novidade: o Salão Nacional do Vinho. No primeiro andar da Casa do Campino, em Santarém, os produtores vinícolas nacionais vão expor e dar a provar os seus vinhos.

A partir de 20 de Outubro, cada dia é temático, dedicado a uma região do país. O périplo pela cozinha nacional começa com o Alentejo e o Ribatejo, seguindo-se Lisboa (dia 21), Algarve (dia 22), Porto e Norte (dia 23). Mais tarde, a 27 de Outubro regressam os dias temáticos com a região autónoma dos Açores, a 28 de Outubro é a vez do Centro de Portugal revelar a sua gastronomia e dia 29 de Outubro chegam novamente sabores insulares, desta vez da região autónoma da Madeira. A cidade anfitriã tem também um dia especial agendado para 30 de Outubro.

O evento contará, diariamente, com demonstrações de cozinha ao vivo com a presença de chefes, exposição e prova de produtos regionais representativos de todo o país, actividades para a família e espectáculos musicais.

O festival, que preserva a imagem do «*Zé das Papas*», irá evoluir para uma presença mais forte das tasquinhas e do «*petisco*», em detrimento dos restaurantes e das refeições, tendo acabado os almoços regionais que se realizavam no Salão da Casa do Campino, espaço que este ano vai acolher o já referido Salão Nacional do Vinho.

O Festival Nacional de Gastronomia terá espaços dedicados à cozinha mediterrânica, ao sector agro-alimentar e ao artesanato.



Visitez



Le Portugal

## Angola é o primeiro país do mundo a proibir a religião islâmica

As autoridades de Angola proibiram o Islão e começaram a fechar mesquitas, num esforço para frear a propagação do «extremismo» muçulmano, segundo meios de comunicação africanos.

De acordo com o diário marroquino La Nouvelle Tribune, que cita a ministra angolana da Cultura, Rosa Cruz e Silva, «O processo de legalização do islão não foi aprovado pelo Ministério da Justiça e Direitos Humanos [de Angola], e portanto as mesquitas em todo o país serão fechadas e demolidas».

Além disso, a nação sul-africana decidiu proibir dezenas de outras religiões e seitas que, segundo o governo, atentam contra a cultura da nação, cuja religião majoritária é o cristianismo (praticado por 95% da população).

Por sua vez, o diário angolano O País informa que cerca de 60 mesquitas já foram fechadas, enquanto os representantes da comunidade muçulmana denunciam que estas medidas foram tomadas sem consulta e que eles não se constituem em uma pequena seita.

Não obstante, as autoridades de Luanda, capital de Angola, resumiram que «os muçulmanos radicais não são bem-vindos no país e que o governo angolano não está preparado para legalizar a presença de mesquitas em Angola», nação que se converteu na primeira do mundo a proibir o islão.

## O aviso de Blanchard

João Ferreira da Cruz

As recentes projecções do FMI não são lisonjeiras para a Europa. O crescimento da zona euro foi revisto em baixa (menos 0,3 pontos) para 0,8% em 2014 e 1,3% em 2015. Blanchard advertiu que a zona euro poderá tornar-se o principal problema da economia mundial. Apesar dos avanços da união bancária e das medidas não convencionais do BCE, permanecem fragilidades preocupantes: fragmentação bancária, crise das finanças públicas, quebra do investimento. A Europa corre atrás do prejuízo. Com a nova posição do BCE e uma nova Comissão, poderá vingar uma estratégia de investimento. Porém, a dúvida subsiste: haverá na grande coligação que governa a Europa, coragem política para por fim aos três perigos: dívida, deflação e desemprego? Este é o real problema! Sendo determinante, a política monetária não constitui panaceia para a zona euro. O Pacto de Estabilidade e Crescimento e os procedimentos relativos aos desequilíbrios macroeconómicos, consagrados no «*six-pack*», deveriam ser interpretados, como propõe Juncker, com flexibilidade e inteligência. Completados por capacidade orçamental específica, instrumentos financeiros catalisadores de investimento, público e privado, potenciando a concessão de empréstimos do BEI e de participações de capital. É crucial, nesta conjuntura, que se avancem combinatórias com eficácia suficiente para acabar com o sofrimento, defender o bem-estar e o nível de vida dos cidadãos europeus.

Economista

## O NOSSO PROBLEMA

por RAMALHO EANES  
General

«Desobediência civil não é o nosso problema. O nosso problema é a obediência civil. O nosso problema é que pessoas por todo o mundo têm obedecido às ordens de líderes e milhões têm morrido por causa dessa obediência. O nosso problema é que as pessoas são obedientes por todo o mundo face à pobreza, fome, estupidez, guerra e crueldade. O nosso problema é que as pessoas são obedientes enquanto as cadeias se enchem de pequenos ladrões e os grandes ladrões governam o país. É esse o nosso problema.»





## TEMPOS de POESIA – IV

Escolha de Isabel Meyrelles  
tradução de Maria Fernanda Pinto  
(Dicionário de Literatura de Jacinto Prado Coelho)



### Medida velha e medida nova.

Assim se designaram, no século XVI duas técnicas de versificar : a tradicional e a importada de Itália por Sá de Miranda e António Ferreira.

Caracterizam a **medida velha** estruturas como a esparsa, a cantiga e o vilancete em redondilha maior ou menor (versos de sete ou de cinco sílabas) - estruturas e métró utilizados pelos poetas do Cancioneiro Geral, por Gil Vicente, por Bernardim Ribeiro.

O verso de sete sílabas é também o dos romances e o das quadras populares :

«Armei castelos erguidos,  
esteve a fortuna queda  
e disse : Gostos perdidos,  
como is a dar tão grã queda !  
Mas, oh! fraco entendimento  
em que parte vos pusestes  
que então não me socorrestes ?

Caíste-me tão asinha,  
caíram as esperanças ;  
isto não foram mudanças,  
mas foram a morte minha.  
Castelos sem fundamento,  
quanto que me prometestes,  
quando me faleceste !»



Que, tornando ante vós, senhora, tal,  
quando m'era mister tant' outr'ajuda,  
de que me valerei, se alma não val ?

Esperando por ela que me acuda,  
e não me acode, e está cuidando em al,  
afronta o coração, a língua é muda.



■ ■ ■ ■

Deixai-me as minhas tristezas,  
que já'gora outra alegria  
maior perigo seria.

Aos males acostumados  
o mesmo costume é cura.  
Bens tão vãmente esperados,  
quem os sofre ? E quem atura  
senão desapaixonados ?  
Criei-me com meus cuidados ;  
já agora não saberia  
andar noutra companhia.



10

## Trova à maneira antiga

«Comigo me desavim,  
sou posto em todo o perigo;  
não posso viver comigo  
nem posso fugir de mim.

Com dor, da gente fugia,  
antes que esta assi crescesse;  
agora já fugiria  
de mim, se de mim pudesse.  
Que meio espero ou que fim  
do vão trabalho que sigo,  
pois trago a mim comigo,  
tamanho imigo de mim ?»



A **medida nova**, escola clássica chamada dos «Zagais da Estremadura», foram os seguidores de Sá de Miranda . O Renascimento impõe-se nas terceira e quarta décadas do século : mais exigente quanto à modelação da matéria poética, introduziu o décassilabo , chamado clássico ou heróico - métró que dava possibilidades mais amplas de expressão e novos sub-géneros e tipos de estrutura poématica de origem greco-latina ou italiana.

### soneto

Quando eu, senhora, em vós olhos ponho,  
e vejo o que não vi nunca, nem cri  
que houvesse cá, recolhe-se a alma a si  
e vou tresvaliando, como em sonho.

Isto passando, quando me disponho,  
e me quero afirmar se foi assi,  
pasmado e duvidoso do que vi,  
m'espanto às vezes, outras m'avergonho.

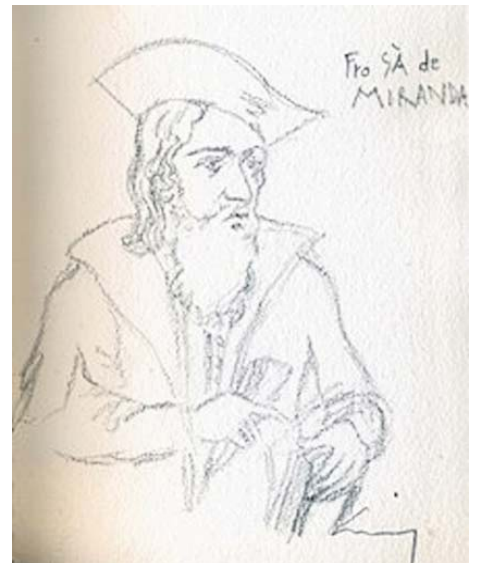
■ ■ ■ ■

Olhai as aves do ar,  
(diz o Senhor, qu'enriquece  
o céu, a terra e o mar)  
vede-las ledas cantar,  
dizei-me: que lhes falece ?  
Da muita vossa fraqueza  
Vem estes tantos suores,  
Estes medos à pobreza !  
Vedes como a natureza  
Veste ricamente as flores ?

Andando nestes enleios,  
em quantos erros caímos,  
sem conto, sem fim, sem meos !  
Dormimos sonhos alheos,  
os nossos não os dormimos.

Queremos o que outrem quer,  
o que não quer enjeitamos,  
dizei-me como isto é ser:  
rimos o alheio prazer,  
e ainda quando choramos.

(Sá de Miranda)



Conclusão : égloga, elegia, ode, epistola, epitalâmio, epigrama, os poemas em tercetos, etc. Quase todos os vates quinhentistas, de Sá de Miranda a Diogo Bernardes, conciliaram tradição e modernidade cultivando por igual, a medida velha e a medida nova.



## Un détecteur de fumée fonctionnel peut sauver des vies!

Des statistiques révèlent que le quart des décès lors d'incendies à domicile sont attribuables à des détecteurs de fumée non fonctionnels et qu'un détecteur en bon état de marche réduit le risque de décès de moitié<sup>1</sup>, d'où l'importance de tester votre appareil tous les mois. Cependant, l'inhalation de fumée peut provoquer l'évanouissement, auquel cas votre détecteur de fumée traditionnel ne vous sera plus d'aucune utilité. La meilleure précaution reste d'avoir à la maison au moins un détecteur de fumée relié à un centre de télésurveillance : si notre centre de télésurveillance reçoit un signal d'alarme incendie et que nous n'arrivons pas à vous joindre, nous dépêcherons les services d'urgence aussitôt.

### Télésurveillance des incendies

Le service de télésurveillance des incendies de Reliance Protectron vous avise qu'il a détecté la présence de fumée dans votre maison. Lorsque vous êtes injoignable (p. ex., l'inhalation de fumée vous a asphyxié), nous communiquerons avec les services d'urgence sur-le-champ. Il existe également d'autres avantages à avoir à la maison un détecteur de fumée relié à notre centre de télésurveillance. Un détecteur de fumée électrique est branché au système électrique de votre domicile. Par conséquent, si l'alimentation est interrompue, que ce soit en raison d'un incendie dans le panneau électrique ou d'une panne de courant, votre détecteur tombe automatiquement hors d'usage. Or, un détecteur relié à un centre de télésurveillance demeure fonctionnel dans toutes ces conditions.



Un détecteur de fumée à pile perd toute alimentation dès que la pile tombe à plat. Parmi les principales causes de mauvais fonctionnement, citons les piles manquantes, mal insérées ou déchargées. Il arrive également que certaines personnes, fatiguées d'entendre le signal de pile faible, la retirent et oublient de la remplacer. Si vous possédez un détecteur de fumée relié à un de nos centres de télésurveillance, même si vous oubliez de vérifier ou de remplacer la pile, nous vous informerons du signal de pile faible et le panneau d'alarme indiquera qu'il y a un problème avec votre système jusqu'au remplacement de la pile.

Par mesure de précaution, il est grandement recommandé d'avoir à la maison au moins un détecteur de fumée relié à un centre de télésurveillance.

### Télésurveillance des gaz dangereux

Reliance Protectron offre également le service de télésurveillance des gaz dangereux pour détecter la présence de monoxyde de carbone, de propane ou de gaz naturel dans votre foyer.

Le monoxyde de carbone (CO) est un gaz incolore, inodore et mortel produit par tout électroménager, moteur ou appareil de chauffage qui utilise un combustible comme le gaz, le mazout, le kérosène, le bois ou le charbon. Il peut se diffuser à l'intérieur de votre domicile lorsqu'un appareil à combustible est mal entretenu ou défectueux ou lorsque la ventilation est inadéquate. Parmi les autres sources de monoxyde de carbone, on retrouve les voitures dont le moteur tourne au ralenti dans un garage attenant à la maison, les cheminées bouchées, une mauvaise ventilation, les appareils électroménagers défectueux et l'utilisation d'un barbecue dans un espace clos, comme votre maison ou votre garage.

Stocké sous forme liquide, le propane est fréquemment utilisé dans les grills extérieurs, mais aussi comme combustible pour les éléments chauffants. Le gaz naturel est un combustible qui sert à alimenter foyers, électroménagers, chauffe-eau et sècheuses. Les sociétés gazières lui injectent une odeur « d'œuf pourri » pour faciliter sa détection en cas de fuite. Comme le gaz naturel est plus léger que l'air, il a tendance à se dissiper en hauteur, d'où l'importance de placer le détecteur de gaz naturel plus haut que les détecteurs de monoxyde de carbone ou de propane

## Reliance Protectron distribue SANS FRAIS des autocollants de sécurité « Halloween » !

L'Halloween, c'est l'occasion de s'amuser ! Assurez-vous que les membres de votre famille sont visibles lors de cette soirée festive de collecte de friandises en apposant sur les costumes de chacun des autocollants « Halloween » de Reliance Protectron. Grâce à leur endos adhésif, ces autocollants s'appliquent facilement sur la plupart des surfaces. Fabriqués avec une matière ultra réfléchissante, ils émettent un reflet flamboyant au contact de la lumière des phares de voiture. Reliance Protectron enverra SANS FRAIS des autocollants « Halloween » aux 3 000 premières personnes qui en commanderont.



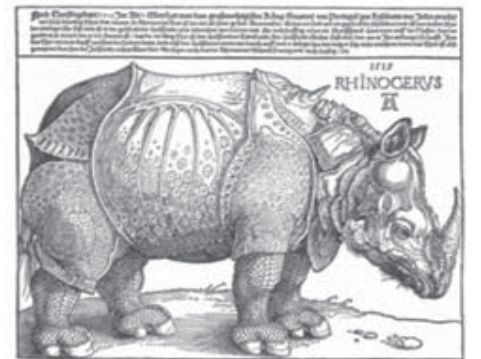
## Le rhinocéros du Pape

Afonso de Albuquerque, gouverneur de l'Inde portugaise, ayant reçu du sultan un rhinocéros indien, il fit embarquer au plus vite ce cadeau royal sur la nef Nossa Senhora da Ajuda, sous le commandement de Francisco Pereira Coutinho, appelé « *Le Rusticão* ». Le bateau quitta Goa en janvier 1515 avec deux autres vaisseaux à destination de Lisbonne. Il fit escale à Madagascar, sur l'île de Sainte-Hélène et aux Açores.

L'animal était nourri de paille, de foin et de riz cuit. Après un voyage particulièrement rapide de quatre mois, la flotte des Indes chargée d'épices et autres trésors arriva dans le port de Lisbonne le 20 mai 1515, mais c'est sans conteste le débarquement du rhinocéros, venant enrichir la ménagerie exotique du roi Manuel 1er, qui fit la plus forte impression.

À l'époque du roi portugais Manuel 1er, avaient lieu dans les rues de la ville des fêtes avec des défilés de lions, éléphants, rhinocéros, chameaux et d'autres animaux que l'on n'avait plus vus en Europe depuis le temps des cirques romains. Un rhinocéros et un éléphant furent même offerts au pape Léon X.

C'est sur l'îlot d'If, (ou château d'If, dans la mer méditerranée, Marseille), que fit escale selon les historiens de Provence le 23 janvier 1516, la nef portugaise qui convoyait de Lisbonne à Rome le célèbre rhinocéros indien que Manuel 1er du Portugal offrait au pape Léon X. Cet animal avait été offert au roi du Portugal par le roi de Guzarat, un royaume d'Inde. Cet animal était en effet le premier rhinocéros visible en Europe depuis l'an 248.



François 1er qui était en pèlerinage à Saint-Maximin-La-Sainte-Baume fit le déplacement avec sa cour pour venir le voir. De nombreux Marseillais se rendirent sur l'île pour admirer l'animal. Après quelques semaines sur l'île, la bête reprit son voyage mais le navire fit naufrage dans le golfe de Gênes. Le pape reçut bien le rhinocéros, mais celui-ci avait été empaillé, après la découverte de son cadavre suite au naufrage.

Le rhinocéros a été représenté dans les peintures de l'époque à Rome par Raphaël et Giovanni da Udine. Son histoire inspirera également le roman de Lawrence Norfolk *Rhinocéros du Pape*.

PS : Les informations relatives à cet événement sont diverses et parfois contradictoires.  
Nanda, Paris



## Votre Santé

### Fundação Champalimaud e governo do Rajastão investem em clínica para o cancro



Centro ficará no no campus da Rajasthan University of Health Sciences

A Fundação Champalimaud estabeleceu uma parceria com o Governo do Rajastão, na Índia, para a criação de um Centro inovador dedicado ao tratamento e investigação do cancro. Este Centro será financiado pelo Governo do Rajastão e contará com todo o apoio técnico e científico da Fundação Champalimaud. Implantado num terreno com 35.000 m2, será dotado dos mais avançados equipamentos para tratamento de doenças oncológicas, a custo acessível.



A ministra-chefe Vasundhara Raje assinou o acordo por parte do Rajastão

Nesse sentido, a Fundação irá fornecer formação de médicos, enfermeiros e técnicos especializados, apoiar a criação de uma rede de centros no Estado do Rajastão, garantir a implementação de procedimentos clínicos avançados alinhados com os mais recentes progressos e contribuir na investigação clínica.

O cancro é actualmente a segunda maior causa de morte no mundo inteiro, logo a seguir às doenças cardiovasculares. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), foram reportados 12 milhões de novos casos em 2007 e este número deverá subir para 27 milhões até 2030.

Segundo a IARC (agência da OMS especializada em cancro), a doença é agora o “assassino número um” na Índia e as projecções apontam para um aumento de 1,5 vezes até 2030.



Leonor Beleza diz que o acordo é um enorme motivo de orgulho para a Fundação

Os pacientes abaixo da linha da pobreza serão tratados de forma gratuita. Este Centro de Cancro, distribuído por cerca de 35.000 m2 de terreno no campus da Rajasthan University of Health Sciences, será único na Índia.

“Esta Instituição aspira a ser um centro de excelência para o tratamento do cancro, promovendo a prevenção, cura, reabilitação e cuidados paliativos”, referiu a chefe do Governo do Rajastão, Vasundhara Raje.

Para Leonor Beleza, presidente da Fundação Champalimaud, “este acordo é um enorme motivo de orgulho para a Fundação porque é um reconhecimento do trabalho que tem sido desenvolvido em Lisboa”.

12



Rajastão é o maior Estado da Índia em área

Entre esses equipamentos estão incluídas as mais recentes soluções de radioterapia, nas quais o Centro Clínico Champalimaud é pioneiro.

O acordo entre a Fundação e o governo do Rajastão foi assinado na capital do Estado, Jaipur, na presença da chefe do Governo, Vasundhara Raje, e da presidente da Fundação Champalimaud, Leonor Beleza.

A Fundação Champalimaud irá participar na criação do Centro através de uma colaboração técnica de alto nível e contribuirá com pesquisa no campo do tratamento oncológico.





## Núcleo do Québec da Liga dos Combatentes

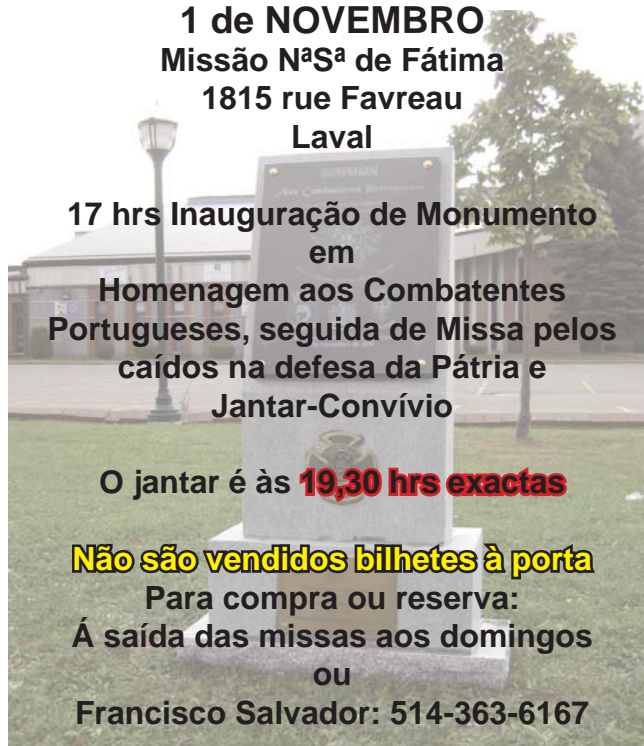
1 de NOVEMBRO  
Missão N<sup>as</sup> de Fátima  
1815 rue Favreau  
Laval

17 hrs Inauguração de Monumento  
em  
Homenagem aos Combatentes  
Portugueses, seguida de Missa pelos  
caídos na defesa da Pátria e  
Jantar-Convívio

O jantar é às **19,30 hrs exactas**

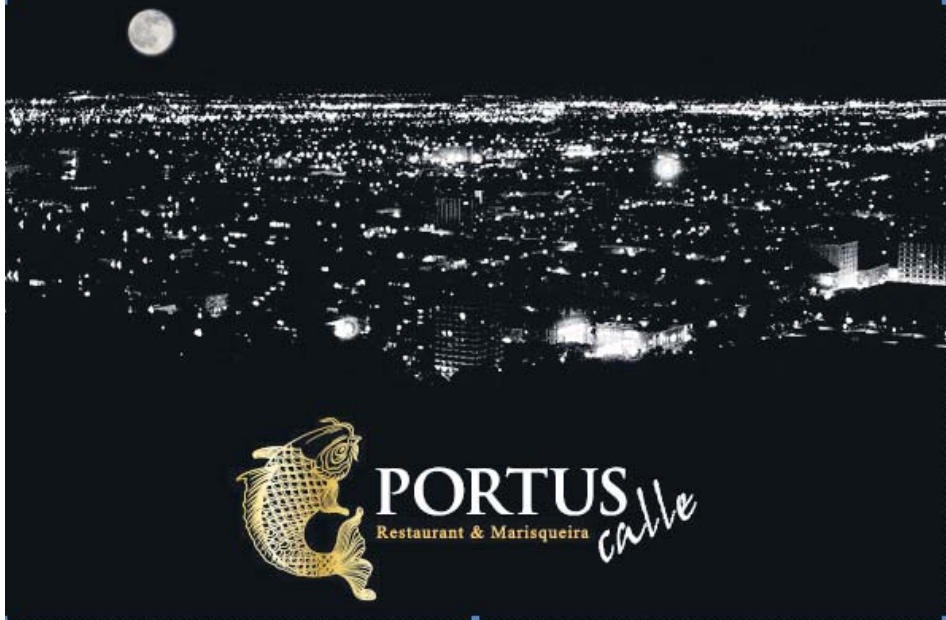
**Não são vendidos bilhetes à porta**

Para compra ou reserva:  
À saída das missas aos domingos  
ou  
Francisco Salvador: 514-363-6167



# FAIM DE SOIRÉE

MENU 3 SERVICES :: 21h - 23h :: 25\$



4281, boul. Saint-Laurent ♥ Montréal ♥ 514 849.2070  
portuscale.ca

13

## J Y M ARCHITECTURE

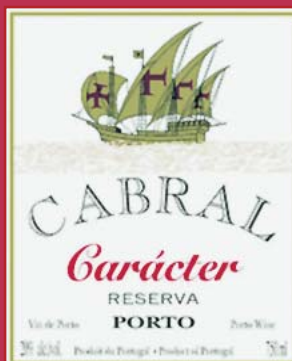
Services & Plans D'Architecture  
Résidentiel • Rénovation • Commercial • Multiplex

Jean-Yves Mesquita T.P.  
Technologue en Architecture  
Cel. 514.972-9985 • @:info@jymarchitecture.com • www.jymarchitecture.com

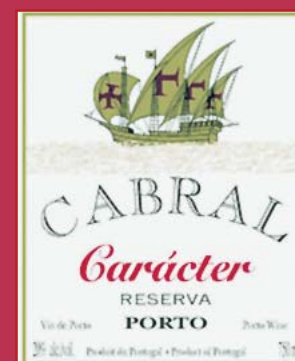


ORDRE DES  
TECHNOLOGUES PROFESSIONNELS  
DU QUÉBEC

4244 boul. St-Laurent, Montréal, Qc. H2W1Z3  
**514-842-8077**



## PORTO CABRAL *Le soleil embouteillé*





## La vente de Sun Media : quand Québecor se sépare du Canada

En vendant ses propriétés anglophones à Postmedia, Québecor confirme en quelque sorte sa migration vers les télécommunications et la diffusion. Pourtant, cette explication n'est pas suffisante, dit Pierre Duhamel.

par Pierre Duhamel

Photo: Paul Chiasson/La Presse Canadienne

Québecor a vendu à Postmedia l'immense majorité de ses propriétés canadiennes-anglaises pour 316 millions de dollars. Cent soixante-quinze journaux (dont le populaire Toronto Sun) et le portail anglophone Canoe font partie de la transaction, mais pas le canal spécialisé Sun News Network.

Québecor avait dépensé 983 millions de dollars en 1998 pour acheter Sun Media et avait investi 517 millions, en 2007, pour les journaux de la chaîne Osprey. L'entreprise se départit aujourd'hui du groupe de presse qu'elle avait constitué au cinquième du prix qu'elle a payé.

Il y a au moins trois niveaux d'interprétation pour expliquer cette transaction.

J'observe d'abord un recentrage sur les secteurs d'activités les plus payants et les plus porteurs. Il est évident que les journaux sont en perte de vitesse et qu'il devient très difficile de maintenir leur rentabilité.

À la fin de 2013, Québecor avait déjà cédé à Transcontinental ses 74 hebdomadaires régionaux. En vendant ses propriétés anglophones à Postmedia, Québecor confirme en quelque sorte sa migration vers les télécommunications et la diffusion.

Pourtant, cette explication n'est pas suffisante. Je serais en effet extrêmement surpris que Québecor se départisse de ses quotidiens québécois au nom de la logique des secteurs moins porteurs.

Il y a aussi un recentrage géographique. Je ne peux pas m'empêcher de constater que ce qui était — à l'arrivée de Pierre Karl Péladeau — une grande multinationale est devenue, au fil du temps, une société surtout active au Canada et maintenant presque exclusivement implantée au Québec. La vente du spécialiste du Web Nurun, le mois dernier, au groupe publicitaire français Publicis marquait le départ de la seule filiale active à l'international.

Le troisième niveau d'explication relève de l'utilité potentielle des propriétés. Cette question est sensible au moment où plusieurs se demandent si le patron d'un empire de presse peut devenir chef de parti et, éventuellement, premier ministre, voire président de la République.

Les journaux de Sun Media au Canada anglais étaient les plus fidèles et inconditionnels alliés du Parti conservateur de Stephen Harper. Ils étaient sans doute utiles au moment où Pierre Karl Péladeau entretenait un long flirt avec les conservateurs. On soupait alors chez les Harper et on faisait même un excès de zèle en devenant membre du conseil d'administration de l'Institut Fraser, l'organisme le plus viscéralement antimodèle québécois qui existe.

Pierre Karl Péladeau voulait et a obtenu un assouplissement des règles d'adjudication du spectre pour permettre à Vidéotron de se lancer dans la téléphonie mobile sans avoir à payer ce que les Bell, Rogers et Telus devaient débours.



Plusieurs ont reproché à Pierre Karl Péladeau d'utiliser ses médias quand il prend en grippe un organisme ou une entreprise. Les nombreux articles sur les propriétés des Desmarais, sur le coût et la faible influence du Fonds de solidarité, sur le caractère non québécois du consortium des frères Molson ou sur le gaspillage à Radio-Canada étaient peut-être de bonnes idées journalistiques, mais ils avaient aussi le mérite d'exprimer les sentiments et les intérêts de Pierre Karl Péladeau.

Il s'en défendra, comme il l'a toujours fait. Sauf que le doute est là, et les apparences de conflit d'intérêt sont énormes et seront continues pour un

magnat qui aspire aux plus hautes fonctions. Jean-François Lisée a totalement raison de soulever la question.

Québecor est, aujourd'hui plus que jamais, un géant strictement québécois, au moment où son principal actionnaire veut devenir le géant québécois.

## Aller simple sur Mars: les volontaires mourront après 68 jours

Le projet Mars One a pour but d'envoyer en 2024 une première équipe de quatre volontaires pour coloniser la planète sans retour possible, après un voyage de sept mois.

Photo Bryan Versteeg, PC

France-Presse

Les courageux pionniers prêts à s'embarquer pour un aller simple pour Mars, comme le prévoit la société néerlandaise Mars One, commenceront à mourir au bout de 68 jours, selon une très sérieuse étude scientifique parue récemment.

Cinq chercheurs en aéronautique du prestigieux Massachusetts Institute of Technology (MIT) sont arrivés à cette conclusion après avoir analysé les données scientifiques disponibles sur ce projet, qui doit aussi donner lieu à une émission de télé-réalité.

La mort du premier pionnier «arrivera approximativement au bout de 68 jours de mission, par asphyxie», écrit ce rapport de 35 pages qui analyse avec force graphiques et formules mathématiques les ressources en oxygène, nourriture et technologies disponibles pour cette mission censée être autosuffisante.



Les plantes qui doivent nourrir les colons produiront trop d'oxygène et la technologie pour équilibrer l'atmosphère «n'a pas encore été développée», disent les auteurs.

De plus, les colons devront dépendre de plus en plus d'envois de pièces détachées dans le cadre d'une mission qui coûtera «dans le scénario le plus optimiste», quelque 4,5 milliards de dollars, une somme qui ne cessera d'augmenter avec l'envoi d'autres équipages, ont-ils calculé.

Mars One est un projet lancé par son cofondateur et PDG, le Néerlandais Bas Lansdorp, qui a pour but d'envoyer en 2024 une première équipe de quatre volontaires pour coloniser Mars sans retour possible, après un voyage de sept mois.

Dans une réaction au magazine *Popular Science* ([www.popsci.com](http://www.popsci.com)), Bas Lansdorp a réfuté les chiffres du rapport, arguant qu'il utilisait des données incomplètes.

Il concède néanmoins que la question des pièces détachées est un problème. «Ils ont raison, le plus grand défi de Mars One est de garder tout en état de marche», dit-il.

Dans une réaction à l'AFP concernant l'oxygène, la direction de Mars One a indiqué «ne pas être d'accord sur le fait que la technologie n'est pour l'essentiel pas prête. Le système doit encore être testé mais la technologie est là».

Plus de 200 000 personnes originaires de 140 pays se sont portées volontaires pour faire partie du projet, qui fait de nombreux sceptiques mais a néanmoins reçu le soutien du lauréat néerlandais du Nobel de physique en 1999, Gerard't Hooft.

Un accord a été signé en juin dernier avec la société Endemol, qui produit de nombreuses émissions de télé-réalité, pour que soit filmé le processus de sélection et l'entraînement des pionniers

14



**Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.  
Senhor! Falta cumprir-se Portugal.**

**Fernando Pessoa**





# HUMILIDADE

REPARE NAS 7 DIFERENÇAS:

1. Mudou o trono dourado por uma cadeira de madeira... Algo mais apropriado para o discípulo de um carpinteiro (O Sr. Jesus).
2. Ele não aceitou a estola vermelha bordada a ouro roubada do herdeiro do Império Romano, ou a capa vermelha.
3. Usa os mesmos sapatos pretos velhos, não pediu o vermelho clássico.
4. Usa a mesma cruz de metal, nenhuma de rubis e diamantes.
5. Seu anel papal é de prata, não de ouro.
6. Usa sob a batina as mesmas calças pretas, para lembrar-se de que é apenas um sacerdote. Você já descobriu a sétima diferença?

(Retirou o tapete vermelho, Parece que não se interessa tanto pela fama e aplausos.)

EXEMPLO DE HUMILDADE!!!



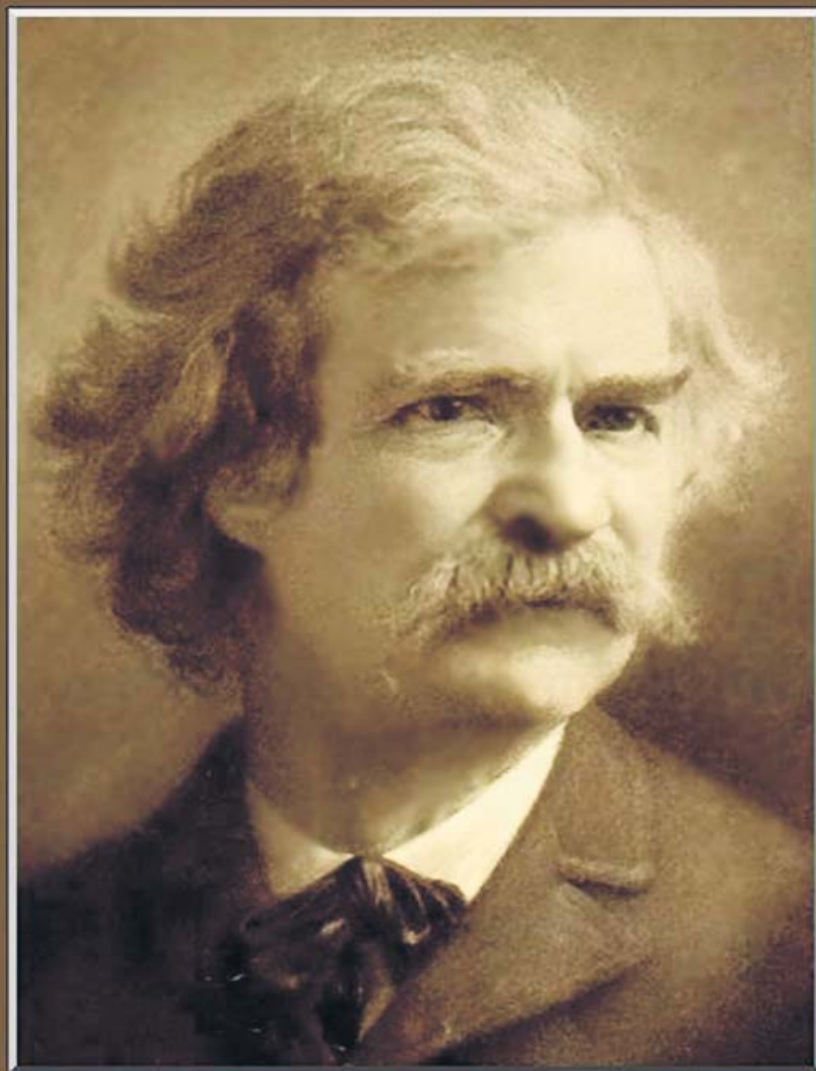
*fr:* je parle portugais...et vous ?  
*pt:* eu falo português...e você ?

Apprendre à parler rapidement le portugais avec des cours gratuits en ligne.  
Méthode facile et ludique, avec mp3 et pdf à télécharger

**Cours portugais gratuit – Apprendre le portugais ...**

[www.loecsen.com/travel/0-fr-67-3-16-cours-gratuit-portugais.html](http://www.loecsen.com/travel/0-fr-67-3-16-cours-gratuit-portugais.html)



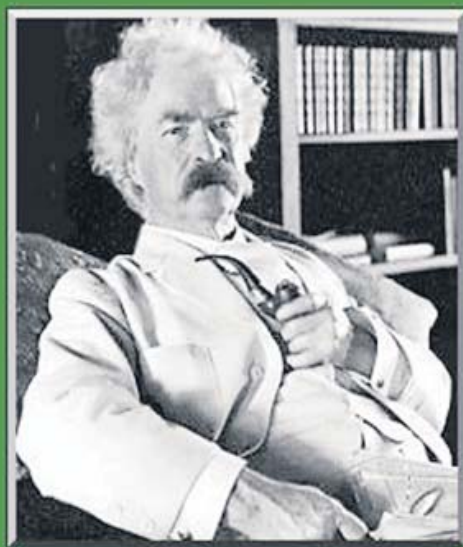


## Mark Twain (1835-1910)

Escritor e humorista

Se o nosso Pai  
Celestial inventou o  
homem, foi talvez  
porque o macaco o  
tivesse desiludido  
terrivelmente!

16



O Vinho alemão  
destingue-se do  
vinagre graças ao  
rótulo da garrafa!